

O Texto bem Escrito: da Idéia ao Papel¹

Prof. Dr. Roberto C. G. Castro²

Resumo: Este artigo busca dar orientações para a elaboração de textos. Ele mostra que um texto de boa qualidade depende de que o autor tenha bem definida a mensagem que deseja transmitir e saiba “pesar” as informações de que dispõe, valorizando as mais importantes e desprezando as irrelevantes. Em seguida, pode redigir o texto dividindo-o em introdução, desenvolvimento e conclusão, observando o ritmo das frases e usando linguagem simples e objetiva.

Palavras-Chave: Escrita. Técnicas de Redação. Linguagem. Comunicação.

Abstract: This article aims to provide guidance for the preparation of texts. It shows that quality depends on what the author has clearly defined as the message. It is necessary to give the correct "weight" to available information, highlighting the most important and disregard the irrelevant. You can then write the text, dividing it in introduction, development and conclusion, observing the rhythm of sentences and using simple and objective language.

Key-words: Writing. Language. Communication.

Introdução

Antes de tudo, gostaria de eliminar a idéia de que um texto profundo, com pensamentos importantes, é um texto difícil, intrincado, elaborado com palavras técnicas e compreendido apenas por especialistas. Isso não é verdade. Na realidade, trata-se, muitas vezes, de um embuste. Temos que desconfiar sempre do texto difícil. Ele revela, antes, um despreparo do autor em transmitir suas idéias. Revela até mesmo, talvez, a falta de idéias do autor, que precisa se valer desse artifício – a linguagem hermética – para se fazer valorizado.

Os grandes filósofos usam uma linguagem simples. A dificuldade que às vezes ocorre de entender o pensamento de Platão (século IV antes de Cristo) e de Tomás de Aquino (século XIII), por exemplo, se dá em virtude da distância que nos separa desses autores, que escreveram e viveram numa época completamente diferente da nossa, quando a linguagem utilizada era bem diferente da nossa. Fora isso, esses autores têm o poder de comunicar com facilidade pensamentos muito profundos.

Tome-se como exemplo este trecho da *República*, de Platão:

- Além disso, é preciso ainda examinar o seguinte, se se quiser distinguir uma natureza filosófica da que não o é.
- Examinar o quê?
- Que não tenha, sem que tu o saibas, qualquer baixeza; porquanto a mesquinhez é o que há de mais contrário a uma alma que pretende alcançar sempre a totalidade e a universalidade do divino e do humano.³

¹ Palestra dada em 11 de junho de 2008 na Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de São Paulo (USP), para alunos de pós-graduação dessa unidade.

² Roberto C. G. Castro é formado em Jornalismo pela Universidade Católica de Santos (Unisantos) e em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, mestre e doutor em Filosofia da Educação pela Faculdade de Educação da USP. Atualmente é editor do *Jornal da USP*.

³ Platão, *A República* (486a), tradução de Maria Helena da Rocha Pereira, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993, 7ª edição, p. 270.

Tomás de Aquino investigava a linguagem popular porque acreditava que ela encerrava as mais profundas verdades da existência. Essa idéia teve continuidade na obra dos modernos especialistas em Tomás de Aquino, como o alemão Josef Pieper (1904-1997) e o professor da Faculdade de Educação da USP Jean Lauand⁴. Expressões do nosso cotidiano, como “parabéns”, por exemplo, explicam boa parte da antropologia de Tomás de Aquino, ensina Lauand. O homem é uma criatura feita por Deus que tem o bem como *télos*, como fim, como finalidade. No entanto, ele pode, por qualquer motivo, se desviar desse *télos*. É isso o que é lembrado toda vez que damos “parabéns” a uma pessoa: “Você está fazendo aniversário, lembre-se de que você foi criado para o bem, para bens, não para males, cuidado, não se desvie do caminho. Não se esqueça disso”.

A idéia da mensagem

Para escrever bem, o primeiro passo necessário é ter bem clara a mensagem que se pretende passar através do texto escrito. É preciso ter bem definido isto: o que eu quero transmitir. Sem a idéia clara da mensagem, o resultado será também um texto difuso, sem clareza e sem objetividade.

Digamos, por exemplo, que quero escrever sobre o seguinte tema: “Qual o melhor time de futebol do Brasil na atualidade?”. Se não tiver uma idéia clara do que quero dizer, dificilmente farei um texto claro. Se eu ficar na dúvida sobre o melhor time – o Corinthians? O Flamengo? – o texto ficará confuso. Mas, se eu souber definir claramente no meu pensamento o melhor time, então estarei apto a fazer um texto claro e objetivo: “O melhor time é o Flamengo, por causa disto, disto e disto”.

Não se trata, aqui, de certezas absolutas, de convicções, mas de idéias claras a serem transmitidas. Pode-se fazer um texto claro a respeito de um tema em que há dúvidas. Por exemplo, se há controvérsias sobre o melhor time, esse dilema é exatamente a idéia clara que se deve transmitir. O texto, então, ficaria assim: “O posto de melhor time do Brasil está vago. Alguns comentaristas consideram que o melhor time é o Corinthians, enquanto outros apontam o Flamengo. O Corinthians seria melhor por causa disto, disto e disto. Já o Flamengo tem como vantagens isto, isto e isto. Etc. etc.”.

Enfim, para escrever bem, é preciso ter idéias claras e objetivas sobre o que será escrito. Ao definir essas idéias, é preciso lembrar que as informações têm qualidades diferentes. Assim como uma marca de leite é melhor que outra e a cerveja “A” é mais saborosa que a “B”, também uma informação tem mais qualidade, é superior a outra. Essa qualidade depende do tema e do público para quem se destina o texto. É preciso sempre avaliar a qualidade da informação de que se dispõe, “pesar” os dados em relação ao público e transmitir o que for da mais elevada qualidade, deixando de lado o que não for relevante.

Assim, se estamos escrevendo para um jornal infantil, que será lido por crianças de 8 a 12 anos, por exemplo, sabemos que temos de usar um tipo de informação adequado para elas. Se a idéia é transmitir, digamos, uma história, temos que pensar em elaborar um texto que vá fazê-las desenvolver a imaginação e a criatividade, não um texto com informações de baixa qualidade, que não as estimularão em nada.

Agora, se estamos escrevendo um texto para especialistas em nutrição, precisamos considerar que esse público já conhece muita coisa sobre o tema. Em primeiro lugar, precisamos ter uma idéia bem clara da mensagem que vamos divulgar para esse público. Essa mensagem é o resultado da pesquisa realizada. Em segundo

⁴ Jean Lauand, *Filosofia, linguagem, arte e educação*, São Paulo, ESDC/Cemoroc, 2007, p. 39-49.

lugar, temos que analisar a qualidade dessa mensagem, a qualidade das informações que se deseja transmitir, sabendo que não é qualquer coisa que satisfará aquele público, pois ele já conhece muita coisa sobre nutrição. De modo que é preciso ter bons resultados de pesquisa e ter uma boa idéia desses resultados – ou seja, definir com clareza os dados disponíveis –, para só então escrever o texto. Por exemplo, um texto que mostre que os temperos usados na comida possuem qualidades terapêuticas não serve para uma publicação cujo público é formado por nutricionistas, pois estes já sabem muito bem disso. Ele servirá apenas para o público leigo. Já a descoberta de um efeito específico do alho sobre o sistema nervoso, por exemplo, é uma informação de alta qualidade para os especialistas em nutrição.

Essa técnica contribui até mesmo para avaliar a própria pesquisa feita. Se nós nos preocuparmos em ter uma idéia muito clara e distinta sobre o resultado obtido – se é relevante ou não, se é de boa qualidade ou não, se o público já conhece isso ou não –, poderemos avaliar se o que temos em mãos é relevante, pouco relevante ou irrelevante. E então estamos preparados para escrever.

Formas de escrita

Ter idéia clara e bem definida da mensagem que se quer transmitir é meio caminho andado para uma boa escrita. A outra metade do caminho corresponde à forma de escrever, de colocar a mensagem no papel.

Existem inúmeras maneiras de escrever um texto bem escrito. É claro que devemos começar pelo mais simples. Praticando o mais simples, chegaremos ao mais complexo.

Uma das formas mais simples de escrever um texto é dividi-lo em três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. Na introdução, que pode ter um só parágrafo, o autor deve expor a tese, a idéia principal do texto, a mensagem principal, as informações mais relevantes, deve “dizer a que veio”, de forma que, se o leitor ler somente esse parágrafo, ele já terá uma boa noção do que diz todo o artigo. O desenvolvimento trará dados adicionais, que corroboram a tese exposta na introdução. A conclusão pode extrair informações e idéias importantes a partir dos dados obtidos, a partir da tese apresentada, expressando da seguinte forma, por exemplo: “Tendo em vista o que foi exposto...”.

Tomemos um exemplo para ilustrar tudo o que foi dito até aqui. Digamos que desejamos escrever sobre a guerra no Iraque.

Antes de tudo, precisamos ter uma idéia clara do que desejamos escrever sobre essa guerra. Temos que elaborar, de preferência, uma tese original, temos que dispor de informações bastante originais, para o texto ficar interessante. Se nós utilizarmos informações que todos conhecem, o texto ficará fraco. A título de ilustração, vamos usar a seguir uma hipótese absurda.

Depois de muito pesquisar, obtivemos uma boa informação, uma tese relevante: a guerra foi provocada por Bush em parceria com Bin Laden. Ótimo. Já temos a idéia que queremos transmitir. Agora é só escrever, expondo-a com argumentos que vão sustentar essa tese.

O texto, então, ficaria assim.

Na introdução, devemos expor a tese principal:

A guerra do Iraque, que começou em 2003 e se estende até hoje, foi provocada por uma parceria entre George W. Bush e Bin Laden. Eles tramaram tudo com o objetivo de tirar do poder o presidente Saddam

Hussein. Sem o ditador, Bush e o líder da Al Qaeda puderam repartir os lucros do petróleo iraquiano e dominar o mundo. A informação está em documentos ultra-secretos, achados pela CIA numa caverna no Afeganistão, que servia de refúgio para Bin Laden.

Feita a introdução, passemos para o desenvolvimento. Este pode ter dois, três parágrafos. Neles, o que se faz é expor argumentos que corroboram a tese principal, apresentada na introdução, mais ou menos nestes termos:

Segundo esses documentos, o acordo entre Bush e Bin Laden foi fechado secretamente em Genebra, na Suíça, em 2001. Escritos em árabe, com tradução para o inglês, os documentos afirmam que o presidente norte-americano fica com 60% dos lucros do petróleo, cabendo a Bin Laden os 40% restantes.

Ainda de acordo com os documentos, etc. etc.

Fontes ouvidas no Afeganistão confirmaram a existência do acordo. Segundo essas fontes, há muito tempo se fala, nas montanhas do Afeganistão, que Bush e Bin Laden são parceiros. “Eu vi os dois juntos um dia, andando de camelo”, disse o afegão Mohamad Ali Al Jaazihja, um pastor do território de Almazhizah, no sul do Afeganistão.

Tendo exposto todos os argumentos disponíveis em favor da tese, resta somente a conclusão. Aqui, como foi dito, devemos extrair idéias e propostas interessantes e relevantes a partir do que foi dito na introdução e no desenvolvimento. Pode ser escrita nestes termos:

Tendo em vista tudo isso, a comunidade internacional precisa se mobilizar e se insurgir contra esse acordo absurdo entre o presidente da maior potência do planeta e o terrorista mais procurado do mundo. A ONU deve expulsar os Estados Unidos da organização e chamar o Brasil para ser o árbitro nessa questão.

Um texto sobre nutrição – e o público a que se destina –, por exemplo, tem suas especificidades. E o que foi dito aqui é muito geral, muito básico. Mas é um primeiro passo, é a base para escrever bem um texto, seja qual for o assunto.

Dicas sobre o texto

Além da estrutura mostrada acima – uma das muitas possíveis –, o texto bem escrito possui algumas características que contribuem para torná-lo agradável e atraente. As principais já foram apontadas acima: a clareza de idéias, a definição exata do público a quem se destina a mensagem e a boa qualidade das informações.

Outras características são até subliminares: o leitor não as percebe, mas acaba sendo “conduzido” por elas. Por exemplo, o ritmo do texto. Todo texto tem um ritmo. Se o ritmo for agradável, o leitor se agrada do texto. Se for monótono, ele largará o que estiver lendo. Tomemos um texto como exemplo. Ele pode ser escrito desta forma, com este ritmo:

Sócrates foi um filósofo. Ele era ateniense e nasceu em 469 antes de Cristo. Ele não escreveu nada, mas foi muito importante. Ele teve vários discípulos. Platão era um deles. Platão é autor da República.

Sócrates estava interessado em saber o que são as coisas: o que é a justiça, o que é o amor, o que é a bondade. Ele fundou as bases da filosofia.

Ou pode ser escrito assim, com outro ritmo:

Nascido em Atenas em 469 antes de Cristo, o filósofo Sócrates foi uma das figuras mais importantes da história do pensamento. Embora nada tenha escrito, ele fundou as bases da filosofia. Entre seus discípulos estava Platão, autor da República, um dos mais influentes livros da humanidade. O pensamento de Sócrates se volta para o mundo da ética e para a essência de valores como a justiça, o amor e a bondade.

Deve-se também escrever um texto usando frases objetivas e curtas (não longas, que “cansam” o leitor) e palavras simples.

O ritmo do texto, a clareza da informação e a objetividade da frase são especialmente importantes no jornalismo. No *Jornal da USP*, por exemplo, há um texto que necessita muito dessas características para atrair os leitores. É o chamado “olho”, o texto que fica entre abaixo do título, antes da matéria, que serve para despertar o interesse do leitor. Alguns exemplos:

Pesquisa da Faculdade de Educação aponta problemas nas creches paulistanas – entre eles, muitos ruídos e pouca iluminação – e faz propostas para um ambiente propício à aprendizagem⁵

Realizada na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, pesquisa pode dar origem a medicamento capaz de controlar infecção pelo vírus da dengue⁶

Pesquisadores do Instituto de Química de São Carlos ajudam a desenvolver tecnologia que, utilizando recursos da telemedicina, mede com precisão níveis de glicose e proteínas⁷

Anunciada pelo governo federal em 12 de maio, Política de Desenvolvimento Produtivo deveria ser precedida por medidas como a desoneração geral da carga tributária e a diminuição da taxa de juros, dizem especialistas⁸

Em resumo, se escrevermos um texto com idéias claras, com informações de boa qualidade, de acordo com o público, que na introdução exponha com objetividade uma tese, que no desenvolvimento apresente bons argumentos em favor dessa tese, que na conclusão faça boas propostas e inferências a partir do que foi exposto e seja escrito com ritmo agradável, frases curtas e objetivas e palavras simples, teremos um bom texto.

Fundamentos da boa escrita

Para escrever um texto claro, agradável e atraente, é preciso tomar duas providências: praticar – ou seja, escrever bastante – e ler muito.

⁵ *Jornal da USP*, 832, de 9 a 15 de maio de 2008, página 7.

⁶ Idem, página 9.

⁷ Idem, página 9

⁸ Idem, página 4.

Às vezes, podemos até ter idéias claras do que queremos transmitir e até conversamos com desenvoltura sobre elas, mas não conseguimos expressá-las por escrito. Isso acontece porque temos a prática de falar, mas não temos a prática de escrever. É importante praticar, escrever sempre, para poder chegar a um bom resultado. Mesmo que as primeiras experiências sejam ruins, a prática vai conduzir a uma boa escrita no futuro. É o mesmo princípio de tentativa e erro das ciências naturais.

Além de praticar a escrita, outra iniciativa fundamental para uma boa escrita é a leitura. Para escrever bem é preciso ler bastante. Quem lê bastante escreve bem. Portanto, é necessário dedicar-se a essa prazerosa atividade, a leitura.

Na minha opinião, um dos autores mais úteis para nos fazer assimilar a boa escrita é Graciliano Ramos. Isso porque o seu texto tem simplesmente todas as características apontadas acima: a clareza de idéias, a objetividade, a concisão. Não há nada desnecessário nos textos de Graciliano, que têm ritmo agradável, são muito interessantes e trazem informações relevantes, ou seja, apresentam dados de alta qualidade para o público interessado em literatura. Apenas um exemplo desse texto primoroso:

Mandaram-me comparecer na sala à esquerda, situada em frente ao cárcere de Sebastião Hora e Nunes Leite. Vesti-me à pressa, num minuto me achei no pátio, amarrando a gravata, dirigi-me ao lugar que, por falta de termo próprio, batizei como uma espécie de secretaria. Entrei atarantadamente e divisei, no topo de uma mesa coberta de papéis, um moço de farda. Já me ia habituando aos distintivos: apesar de confuso, examinei as estrelas e percebi um capitão. Ofereceu-me uma cadeira, estendeu-me um envelope. Para que sentar-me, se apenas viera ali receber a correspondência? Desejei agradecer e conservar-me em pé, mas a semana de permanência naquele meio já me havia feito compreender que tais recusas significavam indisciplina. Executei o movimento exigido, recebi a carta, ia metê-la no bolso e levantar-me quando o rapaz me deteve com um gesto.⁹

É útil também ler os artigos publicados na grande imprensa. Os artigos de Roberto Pompeu de Toledo, publicados na última página das edições da revista *Veja*, por exemplo, sempre são ótimos exemplos de textos bem escritos.

Conclusão

Evidentemente, não será uma palestra rápida ou um curto artigo que fará com que ouvintes e leitores escrevam bem. Esse objetivo depende do esforço pessoal de cada um. Cada um precisa ler e escrever bastante, cultivar o hábito de discernir claramente as idéias que deseja expressar por escrito e elaborar os textos com objetividade. Espero que as noções apresentadas aqui possam contribuir de alguma forma para isso.

Recebido em 15-10-09. Aprovado em 13-11-09

⁹ Graciliano Ramos, *Memórias do cárcere*, volume I, 14, São Paulo, Círculo do Livro, sem data, página 78.